

## Notas a respeito do projeto de arqueologia pré-colonial na região de Cruz Alta - RS

Fernando Silva de Almeida<sup>1</sup>

### Resumo

Apresento aqui um texto sobre o projeto de arqueologia pré-colonial inserido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. É uma apresentação dos problemas que tive durante o mestrado e da possível solução para esses problemas. O objetivo aqui não é mostrar algum resultado concreto da pesquisa, mas sim aproveitar o momento para discutir os rumos finais da mesma.

**Palavras-chave:** Arqueologia Pré-Colonial, Etno-História, Povos Indígenas.

### Introdução

Escrevo este artigo para falar um pouco sobre as mudanças da minha dissertação de mestrado. Desde a escolha de um projeto sobre arqueologia pré-colonial, até a “solução” de uma série de problemas encontrados durante a construção do texto de dissertação. Problemas que impediram, por exemplo, a intervenção que foi planejada para os sítios arqueológicos encontrados na cidade de Cruz Alta, no noroeste do Rio Grande do Sul.

É preciso dizer que este não é um artigo onde apresento resultados e sim um relato desses problemas, enfrentados durante a pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Foi um período onde a quantidade de assuntos que gostaria de investigar tornou a tarefa de terminar a dissertação uma preocupação constante.

### Construindo um projeto a partir das pedras

Durante o ano de 2006, realizamos caminhamentos em uma área pertencente à Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Depois de completarmos aproximadamente 1 (um) ano de pesquisas e procuras por sítios arqueológicos, sem visualizar material arqueológico algum, encontramos uma pedra próxima a um arroio que cruza a área da universidade, denominado Arroio Cambará. Mostramos ao professor Cláudio Baptista Carle e perguntamos se essa pedra seria um material arqueológico. Sua resposta foi:

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade de Cruz Alta, mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, fernando\_almeida@ymail.com

“Indubitável”.



FIGURA 1 – Imagem do dia em que chegamos na borda da mata ciliar e encontramos um material arqueológico.

Fonte: Arquivo pessoal

Esse achado resultou na criação, em 2007, do projeto de iniciação científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), intitulado *A lição do tempo na dinâmica do espaço missioneiro: Levantamento em Arqueologia e Valorização Patrimonial entre Cruz Alta e Santo Ângelo*, do qual fui bolsista. Assim, Intensificamos a busca de materiais em locais próximos a esse primeiro achado e acabamos encontrando uma cultura material composta por instrumentos líticos, todos superficiais, em 5 (cinco) locais ao longo do mesmo arroio e 1 (um) local próximo ao Arroio Panelinha. O que pensei então, a partir desses achados, foi uma série de perguntas a respeito da cultura material, como por exemplo, dúvidas sobre quem produziu esse material, como produziu, qual seria sua função, etc.

Cada uma dessas perguntas poderia gerar um projeto de pesquisa diferente. Então, o que acabei fazendo durante a graduação, em meu trabalho de conclusão de curso, foi um levantamento bibliográfico sobre caçadores-coletores no sul do Brasil, buscando entender um pouco sobre o modo de vida e o uso de materiais líticos por esses grupos (ALMEIDA, 2008). Isso porque nos parecia que os materiais encontrados poderiam ser associados a eles. Depois da graduação, criei um projeto de mestrado a partir desses achados e da necessidade de entendê-los. Acabou se tornando um projeto criado a partir de algumas pedras, das quais eu pouco entendia.

## Uma história indígena para a região de Cruz Alta

A ideia inicial do projeto de dissertação era realizar algumas intervenções nos locais onde foram localizados os instrumentos líticos e também analisar os materiais em laboratório, já que não eram muitos. O que tornou esse objetivo inviável foi o imprevisto burocrático que nos impediu de trabalhar na área da universidade. Trata-se de uma área de proteção ambiental, regulamentada de tal maneira a partir da iniciativa do Curso de Ciências Biológicas da Universidade de Cruz Alta. Um dia antes de nossa viagem de Pelotas até Cruz Alta – em novembro de 2010 – fomos avisados que não poderíamos intervir no local. Juntamos esse fato com a falta de interesse – não de nossa parte – para permitir que analisássemos os materiais líticos, que se encontram no Núcleo de Arqueologia da Universidade de Cruz alta, hoje desativado.

Em Paralelo a tudo isso, pesquisava algumas fontes para escrever uma história indígena. Iniciei a pesquisar temas de Etno-História, buscando utilizar esses estudos e compreender um pouco sobre a história indígena da região noroeste a partir de fontes diversas, principalmente a partir da cultura material pré-colonial. As referências sobre a presença indígena aparecem em textos de autores locais, com um foco voltado a uma história tropeira, de conquista de território a partir de conflitos com “bugres selvagens” (CAVALARI, 2004). Por meio da arqueologia e da pesquisa bibliográfica, buscava compor uma história alternativa que dialogasse com a história oficial.

Esse objetivo me pareceu possível em função de autores que argumentam que a Etno-História não é um campo de pesquisa definido (OLIVEIRA, 2002) e que o conceito se adapta a cada um que o utiliza (ROJAS, 2008, p. 31). José Luis de Rojas, utilizando uma discussão sobre a definição do conceito de Etno-História – na celebração dos 10 anos de existência do Departamento de Etnohistoria do Instituto Nacional de Antropología e Historia do México – citou: “La etnohistoria: de que la hay, la hay” (BOHM, 1988 apud ROJAS, 2008, p. 29).

Portanto, em dissertações e em teses de doutorado com focos específicos para a região noroeste do Rio Grande do Sul, encontramos fortes argumentos para trabalhar com a Etno-História e a importância dos grupos indígenas na história da ocupação da região, como importantes personagens do povoamento e da formação do município de Cruz Alta. Desde a presença indígena evidenciada a partir da cultura material pré-colonial encontrada no município e das prospecções realizadas pelo PRONAPA na década de 60, passando pela rota missionária de comércio de erva-mate realizada pelos Guaranis, os constantes conflitos entre

tropeiros e Kaingangs no espaço onde se formou a cidade, chegando até os dias de hoje, quando ainda vemos grupos Kaingangs visitando o município.

### **Uma solução para tantos problemas**

A partir do que eu tinha pesquisado sobre a Etno-História, pensava em uma maneira de associar a presença de Kaingangs e Guaranis na região com os vestígios arqueológicos pré-coloniais. Algo como foi realizado, por exemplo, no livro de José Alberione dos Reis (REIS, 2002). Esse autor estudou os “buracos de bugre” pré-coloniais, comparando sua presença com registros etnográficos sobre Kaingangs e a construção desses buracos. O problema é que, iria ter que iniciar a pesquisar outro tema distinto, que é a analogia etnográfica.

Para mim, seria um esforço a mais buscar fontes para associar, por exemplo, um objeto de estudo específico como o lítico ou a cerâmica guarani pré-colonial – encontrados nas pesquisas pronapianas – com registros etnográficos sobre essa produção por grupos Guaranis e Kaingangs históricos. Isso seria um tema para uma nova dissertação.

Também é importante destacar a confusão que construí no texto de qualificação, entre a ideia de aprofundar o estudo da cultura material pré-colonial e associar com registros etnográficos e as sociedades indígenas atuais, com o estudo da memória social dos grupos indígenas contemporâneos. Por exemplo, quando eu argumentava que seria importante buscar essa associação para a construção de uma história indígena, estudando os sítios e investigando textos etnográficos, ao mesmo tempo utilizava exemplos de povos indígenas que não consideravam muitos sítios arqueológicos como parte do seu passado.

Além disso, por meio das diferentes disciplinas cursadas na Universidade Federal de Pelotas em 2010<sup>2</sup>, busquei inserir discussões diferentes em minha pesquisa, o que acabou tornando-a uma pesquisa “Frankenstein”; como uma mistura de muitos assuntos diferentes, inserida em um mesmo texto. E no meu caso, impossível de ser concluída em tempo hábil. Como me foi dito na qualificação do mestrado, eu tinha não um projeto de mestrado e sim uma linha de pesquisa.

Num primeiro momento, buscava trabalhar com os sítios arqueológicos pensando-os como um patrimônio arqueológico que auxiliaria na construção de identidade cultural. Mas se os sítios não foram suficientemente estudados, os materiais não foram analisados, os resultados não foram publicados e não existe um processo de patrimonialização, é preciso concluir que trabalhar com patrimônio não é uma boa escolha, nesse momento. Vários

<sup>2</sup> Disciplinas como Memória e Identidade, Patrimônio Cultural, Arqueologia Pública, etc.

exemplos que li sobre esse assunto, são referentes a lugares como a Igreja de São Miguel das Missões (SOUZA, 1998), Tiwanaku na Bolívia (ANGELO, 2005), Cueva de Las Manos na Argentina (GURÁYEB; FRÈRE, 2008) e outros sítios declarados como patrimônio mundial pela UNESCO, discutidos a partir de sua importância como patrimônio e relacionados à memória, identidade e turismo. Exemplos de patrimônios que não posso comparar com os sítios arqueológicos pré-coloniais que quero estudar.

Um dos exemplos que eu poderia citar, a respeito do assunto e de Cruz Alta, é o Monumento da Panelinha. Um monumento que faz parte da memória social do município. Está incluído na rota de lugares turísticos da cidade e é visto como patrimônio do povo cruzaltense. Foi um monumento criado em função de uma lenda, uma das mais tradicionais, que diz que quem bebia a água do Arroio Panelinha – como tropeiros e viajantes – acabava sempre retornando ao local. Remonta ao início do século XIX, quando existia um pequeno grupo de pessoas estabelecidas na cidade. O interessante é que nesse mesmo arroio, evidenciamos mais materiais arqueológicos pré-coloniais. Ou seja, em tempos anteriores à formação da cidade, existiam pessoas que já bebiam a água da fonte.



FIGURA 2 - Monumento da Panelinha, em Cruz Alta.

Fonte: [http://cruzaltino.blogspot.com/2011/02/lenda-da-panelinha\\_09.html](http://cruzaltino.blogspot.com/2011/02/lenda-da-panelinha_09.html)

Outra ideia proposta para a dissertação era associar o estudo etno-histórico de Guaranis e Kaingangs, como uma história alternativa que contribuiria para a construção de uma memória histórica diferenciada para o município, que sempre é lembrado atualmente a partir de personagens como Érico Veríssimo, Firmino de Paula e a partir de uma história de

lendas e conquistas de “bravos” tropeiros. O problema é que esse estudo estava me levando mais para textos voltados à memória social e, assim, estava me afastando dos objetivos principais da dissertação.

Estas ideias eram referentes ao fato de que os grupos indígenas são comumente vistos como “não-índios”, “bugres”, “mestiços”, personagens que foram invisibilizados por histórias de glória de europeus e conquista de territórios “selvagens e hostis” por bandeirantes e tropeiros. É o que vemos, por exemplo, em textos que abordam o índio como um personagem distante, que não existe mais.

Com o passar do tempo, se tornou complicado trabalhar com todos esses temas. E mais. Com toda a bibliografia que eu estava estudando antes de chegar à etapa de qualificação do mestrado – como estudos sobre análise de materiais líticos – estava ficando cada vez mais difícil definir e explicar o que eu estava pesquisando. Investigava em alguns textos, teorias como sistema de assentamento (DIAS, 2003), organização tecnológica (BUENO, 2007) e tecnologia lítica (HOELTZ, 2005), entre outras abordagens teóricas associadas ao estudo do material lítico. Era necessário definir a metodologia a ser empregada para o estudo dos sítios arqueológicos, como seria realizada a intervenção, como seriam analisados os materiais, quais seriam os aportes teóricos utilizados...

Estava me faltando um foco mais específico, para que eu pudesse pesquisar algo que não deixaria minha investigação cada vez mais difícil de ser concluída. Assim, partir da qualificação do mestrado, encontrei uma maneira de terminar a pesquisa sem precisar trabalhar com tantos temas distintos. Não mais uma escavação e análise de materiais arqueológicos (e um estudo de memória social, patrimônio cultural, análise lítica, analogia etnográfica, sistema de assentamento, etc.), mas sim a utilização do que já havia pesquisado sobre a presença de grupos indígenas na região, sobre a discussão da “invisibilidade” dos grupos indígenas e os dados obtidos na visita ao Museu Antropológico em Ijuí, onde pude ler os relatórios produzidos por José Proenza Brochado durante sua atuação pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na região noroeste do Rio Grande do Sul. Sendo assim, a dissertação pode se configurar da seguinte maneira:

Um capítulo inicial que discute a “invisibilidade” dos grupos indígenas na região noroeste do Rio Grande do Sul. Que procura compreender como se trata essa questão a partir de autores que trabalham não com o conceito de invisibilidade, mas sim com colonialismo e usos do passado. Autores que abordam também a falta de relação entre o registro arqueológico e as comunidades indígenas contemporâneas;

Um segundo capítulo referente à pesquisa realizada a partir dos relatórios produzidos

pelo PRONAPA e a presença de grupos indígenas em períodos mais recentes no noroeste do Rio Grande do Sul. Uma breve Etno-História através dos dados que consegui pesquisando durante o mestrado;

Um capítulo final que busca criar um diálogo entre os dois primeiros capítulos. A construção de uma breve história alternativa em um município com uma identidade cultural padronizada. Um estudo que pode servir de orientação para pesquisas futuras em uma região pouco explorada arqueologicamente. Acreditamos que a partir daí, seja possível criar um mapa com a localização dos sítios arqueológicos encontrados pelo PRONAPA e assim consolidarmos, através da bibliografia, o que ainda não realizamos escavando.

Dessa maneira, creio que a redação final da dissertação seja realizada sem que se encontrem outros grandes problemas, já que por enquanto não terei a tarefa de interpretar materiais arqueológicos oriundos de uma escavação, ou analisar os materiais que se encontram em Cruz Alta.

Por fim, devo dizer que posso utilizar boa parte das leituras que fiz de uma maneira útil e mais organizada. Não é necessário “abandonar” o que li sobre materiais líticos durante a dissertação. Isso ainda pode ser utilizado. Os materiais ainda estão lá e podem ser analisados. Os sítios estão lá e ainda podemos trabalhar neles. Resta seguir buscando soluções para que a intervenção arqueológica, que foi planejada, possa ser realizada e tenhamos um maior conhecimento sobre a Pré-História daquela região. Acredito que a apresentação deste trabalho seja uma excelente oportunidade para pedir sugestões e melhorar cada vez mais essa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernando Silva de. **Grupos pré-históricos de caçadores-coletores do Arroio Cambará (Cruz Alta – RS)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Cruz Alta: Unicruz, 2008.
- ANGELO, Dante. La **arqueología en Bolivia. Reflexiones sobre la disciplina a inicios del siglo XXI** (pp. 185-211). In: Arqueología Suramericana / Arqueologia Sul-americana 1(2). Departamento de Antropologia da Universidad de Cauca, 2005.
- BUENO, Lucas. **Organização Tecnológica e Teoria do Design: Entre estratégias e características de performance** (pp. 67-94). In: Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira / Lucas Bueno, Andrei Isnardis, organizadores – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm: FAPEMIG; Brasília, DF: Capes, 2007.
- CAVALARI, Rossano Viero. **A gênese da Cruz Alta**. Cruz Alta: Unicruz, 2004.

DIAS, Adriana Schmidt. **Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, RGS**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2003.

GURÁYEB, Ana Gabriela; FRÈRE María Magdalena. **Caminos y encrucijadas en la gestión del patrimonio arqueológico argentino**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad d Filosofía e Letras. Universidad de Buenos Aires, 2008.

HOELTZ, Sirlei Elaine. **Tecnologia lítica: Uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

REIS, José Alberione dos. **Arqueologia dos buracos de bugre: uma pré-história do planalto meridional**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

ROJAS, José Luis de. **La etnohistoria de America: Los indígenas, protagonistas de su historia**. Buenos Aires: SB, 2008.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. **Aos "Fantasmas nas Brenhas" etnografia, invisibilidade e etnicidades alteridades originárias no sul do Brasil (Rio Grande do Sul)**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1998.